

ORÇAMENTO

Maioria dos gastos com manutenção de residências em Brasília subiu acima da inflação registrada na capital federal em 2006. Entretanto, a compra de móveis e aparelhos eletrodomésticos ficou mais fácil

DF - Auto de Vida

A cara conta da casa

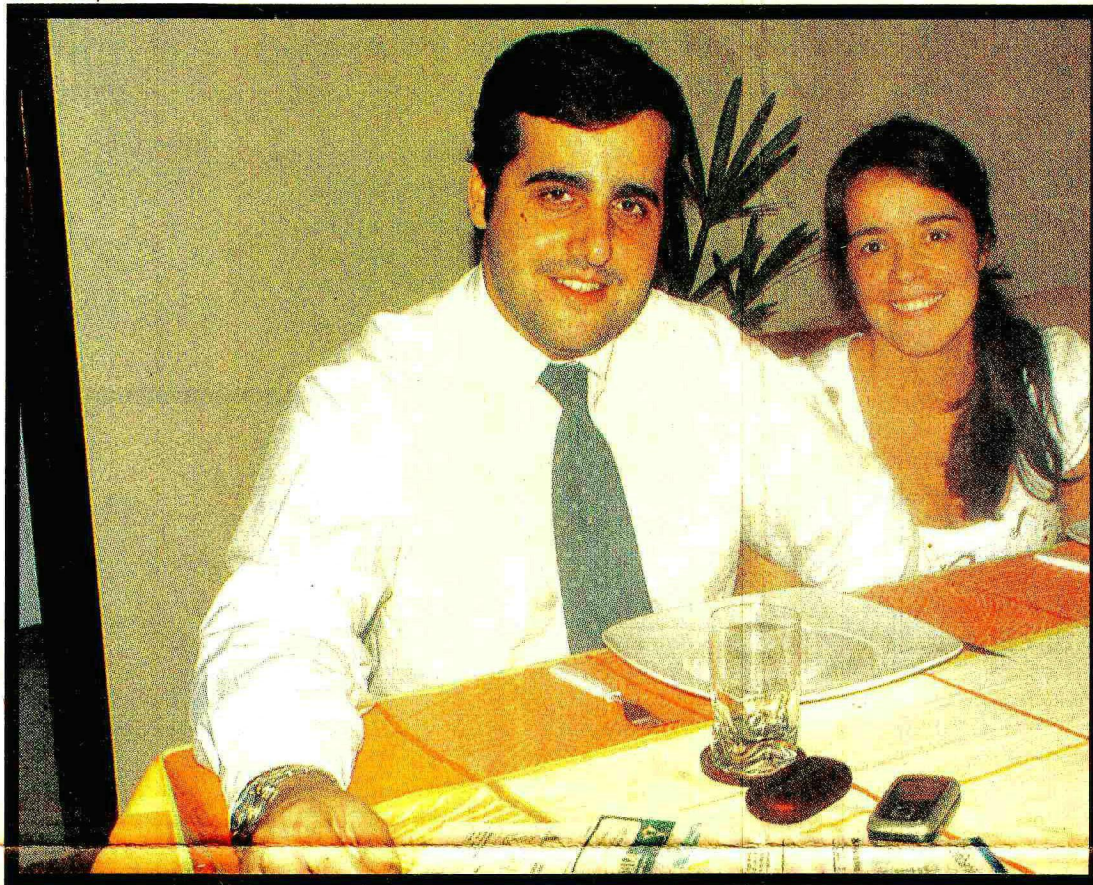
MARIANA FLORES

DA EQUIPE DO CORREIO

Manter uma casa no Distrito Federal ficou mais caro em 2006. Os produtos e serviços ligados à manutenção de uma residência subiram mais que a inflação do ano passado e dificultaram a vida do brasiliense. O aluguel, por exemplo, aumentou 4,54%, mais que o dobro da inflação média da cidade, de 2,15%, pelo Índice de Preços ao Consumidor-Semanal (IPC-S), captado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). A demanda elevada e a alta renda da população local ajudam a puxar os valores para cima, segundo especialistas. Por outro lado, quem montou uma casa encontrou preços mais acessíveis que no ano anterior. Com a queda do dólar e o aumento da concorrência, os valores de equipamentos eletrônicos despencaram e os eletrodomésticos sofreram ajustes menores que a inflação.

O aluguel, que compromete quase 6% da renda do trabalhador, teve um reajuste acima da média nacional, de 3,76%. Das sete capitais pesquisadas pela FGV, apenas Salvador teve um índice superior (5,67%). A culpa é da demanda em alta, que alavancou os preços, segundo o presidente da Comissão de Valores Imobiliários do DF, Frederico Attié. "A procura por apartamentos está muito grande, então o aluguel está subindo muito, principalmente no Plano Piloto. Hoje está mais fácil para os proprietários alugar o imóvel", afirma. Além do aluguel, os brasilienses arcam com um IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) 5,53% mais caro — em 2007 o índice é de 2,58%. A taxa de água e esgoto subiu 14,89%

Paulo de Araújo/CB



CHRISTIANO E MARIANA CASARAM-SE E CONSEGUIRAM DESCONTOS NA HORA DE MONTAR A CASA

em 2006, o maior índice do país. Novos valores serão discutidos nesta semana e cobrados a partir de 1º de março. A tarifa de eletricidade, no entanto, aliviou o bolso dos brasilienses. As contas ficaram 7,36% mais baratas.

O gás de cozinha também pesou no orçamento. A inflação do produto vendido em Brasília foi de 12,96%, a mais alta do país. O bujão de 13kg fechou o ano custando, em média, R\$ 37,65, o segundo mais caro entre as 27 unidades da Federação, segundo pesquisa da Agência Nacional do Petróleo (ANP). "Os custos indiretos aumentaram muito, nossas

despesas são elevadas. Aumentaram os gastos com empregados, aluguel e combustíveis, além dos impostos", justifica o presidente do Sindicato dos Transportadores e Revendedores de Gás Liquefeito de Petróleo do DF, Lineu Mariano Garcia, que ainda reclama da concorrência desleal dos revendedores ilegais.

Pagar o serviço de uma empregada doméstica também ficou mais pesado. Mas apesar de o salário mínimo ter aumentado 16% no ano passado, o reajuste no salário delas foi de 5,99%, no caso das mensalistas. Já as diaristas não reajustaram tanto os pre-

ços, o aumento foi de 2,26%. Neste ano a previsão é que os preços acompanhem o novo reajuste do mínimo, de 8,5%, a partir de abril. O que ainda é muito pouco, na opinião dos trabalhadores. "Dividindo R\$ 380 (novo valor do mínimo) por 30 dias, dá apenas R\$ 12,66. O que uma pessoa faz com menos de R\$ 13 por dia para morar, comer, se vestir, fazer tudo? Elas devem fazer milagres para sustentar uma casa com esse dinheiro", afirma o presidente do Sindicato dos Empregados Domésticos do DF, Antônio Barros.

Recém-casados, a dentista Mariana Pedrosa e o servidor fe-

deral Christiano Resende se surpreenderam com os gastos mensais da vida de donos-de-casa. Eles se casaram em outubro e apesar de terem se preparado para arcar com os custos de uma casa, na prática se assustaram. "Conversamos com amigos e fizemos uma estimativa de quanto gastaríamos depois de casar, mas algumas coisas assustam", conta Christiano.

Compensação

Por outro lado, eles se beneficiaram de descontos na hora de equipar a casa. Dos móveis à roupa de cama e do microondas ao aparelho de DVD, a redução de preços beneficiou os brasilienses no ano passado. O casal comemorou. Alguns móveis, como os sofás da sala, custaram 40% menos que no preço da etiqueta. "Tudo tem que ser chorado. Eles estavam em promoção e a gente ainda negociou mais desconto", conta Mariana. Cobrar menos foi uma estratégia dos fabricantes para tentar elevar as vendas, que vinham em baixa desde 2005, segundo o presidente do Sindicato das Indústrias da Madeira e do Mobiliário do Distrito Federal, José Maria de Jesus.

Em média os móveis ficaram 7,75% mais baratos no ano passado. A redução foi maior em Brasília que na média nacional (2,02%). "Em 2005 as vendas caíram 46%, não tivemos espaço para elevar preços no ano seguinte. Ainda por cima enfrentamos uma concorrência desleal com os informais e os empresários de cidades vizinhas que pagam impostos menores", afirma. Quem precisou equipar a casa também comprou roupas de cama, mesa e banho mais baratos que no ano anterior (-4,64%). As cortinas e persianas sofreram uma remarcação de

1,74% e os tapetes mantiveram as mesmas etiquetas de 2005.

A valorização da moeda brasileira derrubou os preços de alguns eletroeletrônicos facilitando o acesso da população aos produtos. Em média os equipamentos eletrônicos ficaram 13,07% mais baratos que em 2005. As maiores reduções foram verificadas no caso do aparelho de DVD (-21,83%), da televisão (-13,27%) e do computador (-10,31%). Somente os fabricantes nacionais venderam oito milhões de aparelhos de DVD e 10,8 milhões de televisões em todo o país — 7% e 13% a mais que em 2005, respectivamente. Com taxa de juros menores e prazos maiores nos crediários, os produtos ficaram mais acessíveis, assim como os eletrodomésticos, que tiveram um aumento de 1,43%, abaixo da inflação. As maiores quedas foram verificadas no microondas (-7,28%), seguido pelo refrigerador e o freezer (-1,63%).

Quem não comemorou foram os profissionais que consertam os produtos eletroeletrônicos. A demanda despencou nos últimos anos e os trabalhadores acabaram cobrando mais para sobreviver. O serviço ficou 17,21% mais caro, segundo a FGV. "Infelizmente hoje os aparelhos se tornaram descartáveis. Só conseguimos consertar os aparelhos de grande porte. Mas os custos aumentaram, e para a empresa sobreviver tem que introduzir seus custos no preço do serviço, mesmo tendo queda da demanda", afirma José de Ribamar Rodrigues, presidente do Sindicato das Indústrias de Reparação, Manutenção de Máquinas, Aparelhos e Equipamentos Industriais, Elétricos e Eletrônicos de Uso Doméstico do Distrito Federal (Sindeleto).